

O que fala Joicy sobre si?

A voz do sujeito subalterno no jornalismo ¹

Amanda de Paula Almeida²

Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP

RESUMO

Através de discussões sobre linguagem, discurso, narrativa, representação, gênero e jornalismo, busca-se analisar a grande reportagem, “O Nascimento de Joicy” (2011), da jornalista Fabiana Moraes, lançada no *Jornal do Comercio* em Pernambuco, para entender, através das aspas da fonte, como Joicy constroi a si mesma no material, tensionando questões relativas a voz do sujeito subalterno no jornalismo e complexificando reflexões sobre as possibilidades narrativas do jornalismo. Partimos da Análise do Discurso Francesa para construir o caminho metodológico deste artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Narrativa; Subalternidade; Representação; Discurso.

INTRODUÇÃO

No presente artigo, serão analisadas questões relativas à representação, narrativa jornalística e discurso dos sujeitos subalternos em “O Nascimento de Joicy”, grande reportagem da jornalista Fabiana Moraes, publicada originalmente em 2011, no *Jornal do Comercio* (Pernambuco). A reportagem, finalista do Prêmio Jabuti, acompanha Joicy, uma mulher transexual do interior de Alagoinha (PE), antes, durante e após sua cirurgia afirmativa de gênero. Em 2015, a reportagem foi transformada no livro “O nascimento de Joicy: Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem”, no qual Moraes complementa a reportagem inicial com reflexões acerca da sua experiência no processo de

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT29SE - Narrativas jornalísticas contemporâneas), evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

²Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), mestranda em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (PPGCOM UFOP), amanda.pa@aluno.ufop.edu.br, https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=C77C2C94E20969A9FE121A22D50EED64#

apuração da pauta. Neste artigo, será analisada a reportagem como foi lançada em 2011, no *Jornal do Commercio*.

Aqui, buscaremos compreender, através das aspas da fonte presentes na reportagem, o que Joicy fala sobre si mesma, tensionando discussões sobre representação e discurso de sujeitos subalternos nas narrativas jornalísticas. Para isso, acionamos, inicialmente, questões relativas à linguagem para refletir sobre os usos políticos do discurso (Oyěwùmí, 2021; Scott, 1995) e a constituição da subalternidade pela linguagem e suas ramificações, tratando sobre gênero, classe, raça e representação (Bahri, 2012; Spivak, 2014). A partir disso, afinamos a discussão com questões referentes à presença dos sujeitos subalternos e suas representações nas narrativas jornalísticas, cabendo questionamentos que envolvem a lógica de poder entre sujeitos subalternos colonizados (Carvalho, 2023; Moraes, 2018). Sendo assim, partimos da Análise do Discurso Francesa (Paulon *et al*, 2014; Carvalho, 2013) como estratégia metodológica para alcançar o objetivo aqui proposto.

Ao propor as reflexões acima, pretendemos movimentar os estudos sobre a representação de sujeitos subalternos no jornalismo, entendendo que a prática e a teoria do campo devem estar em constante reflexão. A partir disso, também procuramos incitar discussões sobre outras narrativas possíveis ao jornalismo, entendendo que o jornalismo exerce um papel social (Carvalho, 2023) e deve ser capaz de complexificar os sujeitos, as histórias e os discursos. A reportagem “O nascimento de Joicy” trata-se de um material relevante para a presente discussão ao exemplificar alternativas ao jornalismo convencional.

METODOLOGIA

Para construção metodológica deste artigo, partimos da concepção do jornalismo enquanto um dispositivo de produção de sentido que elabora representações e recortes do cotidiano. Compreendendo, nos termos de Carvalho (2013), que a prática jornalística “está tão mergulhada em uma forma própria de fazer, tão rotinizada e determinada, que é possível que o próprio jornalista não compreenda muito bem as intenções que deixa transparecer” (p. 10). Nesse contexto, a Análise do Discurso Francesa (AD), surge como uma metodologia adequada, pois articula o Materialismo Histórico; a Linguística e da Teoria do Sujeito para problematizar a interpretação enquanto objeto de reflexão (Pêcheux, apud Paulon et al, 2014). Dessa forma, “o analista relaciona a linguagem à sua exterioridade, ou seja, considera o homem na sua história, os processos e as condições de produção da linguagem por meio da

análise da relação da língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer” (p. 29)

Interessa-nos, portanto, compreender como as subalternidades de Joicy se manifestam no texto jornalístico, considerando que atividade jornalística é condicionada por uma série de aspectos técnicos econômicos que demandam, com isso, a reflexão sobre o que está implícito na matéria. Para essa análise, nos embasamos em um dos operadores metodológicos propostos por Carvalho (2013) que diz respeito à presença do Outro a partir do discurso direto, isto é “o recorte das palavras de outro, que são atadas ao novo discurso” (p. 18). Desse modo, mediante a análise das escolhas editoriais de Fabiana Moraes - particularmente no que concerne à seleção e disposição das falas de Joicy - buscamos desvelar os sentidos produzidos por essas estratégias discursivas.

SUBALTERNO E SUBALTERNIDADES

Ao tensionar reflexões sobre a generificação da linguagem, Oyèrónké Oyèwùmí (2021), parte das reflexões de feministas ocidentais sobre a importância da linguagem na construção do gênero para chegar à oralitura e cosmopercepção iorubás. É evidente que línguas como o inglês, português e espanhol incorporam diferenciações de gênero como um elemento essencial da linguagem, Oyèwùmí parte dessa observação para entender como “a linguagem de um povo reflete seus padrões de interações sociais, linhas de status, interesses e obsessões” (2021, p.233).

Há um esforço das autoras feministas pós-coloniais em compreender os diferentes modos de leitura do gênero no mundo, no texto e na palavra (Bahri, 2013). A própria utilização da palavra “gênero”, que aqui engendramos, é um reflexo do empenho feminista em indicar, não uma diferenciação biológica, mas um formato organizacional da sociedade pautado em uma lógica interativa de poder (Scott, 1995, p.75). O que percebe-se pela inserção da palavra na ciência e seu significado na língua é que o discurso organiza a realidade

Spivak surge nessa discussão, portanto, contribuindo para a formulação do sujeito subalterno e as implicações do silêncio e da falta de representações do Outro em vista ao poder do discurso. Partimos da hipótese de que, se o discurso é a realidade, os sujeitos que são impedidos de falar, existem? Em seu famoso ensaio, “Pode o Subalterno falar?” (2014), Spivak exemplifica através da proibição inglesa do *sati* - um ritual presente em algumas partes da Índia em que as viúvas se atiravam nas piras funerárias de seus maridos - como a

mulher é um sujeito oprimido tanto pela na divisão internacional do trabalho, quanto pela dominação masculina na construção ideológica de gênero.

Spivak propõe o entendimento da representação a partir de uma lente que critica tanto o essencialismo, quanto o pós-estruturalismo. Para a autora, a formulação desse Outro da europa, o sujeito subalterno, é construída dentro do discurso e não preexistente a ele, tornando a questão da representação um debate amplo dos pós-colonialistas. Spivak, assim com muitos outros pensadores pós-coloniais, assume a representação a partir de um aspecto complexo, onde até mesmo a auto-representação seria problemática já que, dentro do esquema de poder colonialista ocidental que nos encontramos, é impossível que uma representação exista sem que o sujeito sirva-se da própria lógica colonial e, ao fazê-lo, se afasta da sua identidade inicial.

Deste modo, nos debruçamos justamente em perceber e tensionar essas relações entre os sujeitos e suas construções dentro da narrativa jornalística. Aqui, compreendemos a narrativa a partir de Ricoeur (1994), a entendendo enquanto um instrumento instintivamente relacional, que pressupõe a concordância e, concomitantemente, a discordância, do ser humano com si mesmo, com o mundo e com o outro, tudo isso inserido na tessitura temporal: “a intriga tem a virtude de obter uma história a partir de acontecimentos diversos, ou se preferirmos, transforma os múltiplos acontecimentos em uma história. (...) A narrativa os organiza em um todo inteligível” (Ricoeur, 2006, p. 10 apud Jácome, 2020, p.94).

Nesse sentido, Carvalho (2023) faz uma análise intensa sobre o jornalismo enquanto ator social colonizado e colonizador, partindo das concepções anti/de coloniais de pensadores latinoamericanos acerca das colonialidades do poder e do saber. De todas as discussões importantes traçadas pelo autor, nos baseamos nas duas perspectivas geoepistemológicas apresentadas: a matriz eurocêntrica e a matriz decolonial.

Sendo a primeira pautada nas lógicas de “pensar sobre” e “pensar a partir de”, em que o fazer jornalístico baseia-se nas “(...) pretensões de objetividade, neutralidade e universalidade, com a consequente imagem falaciosa de uma ciência no singular, praticada por cientistas que se colocariam acima de quaisquer interesses que não os da própria ciência” (Carvalho, 2023, p.62). A matriz decolonial, por sua vez, se estabelece nas lógicas do “pensar com” e “pensar sobre e por si”, fazendo frente às matrizes coloniais citadas, concebendo as pluralidades “sem pretensões de objetividade, neutralidade ou universalidade, sem abrir mão

do rigor teórico e da solidez metodológica, muito pelo contrário. (...) também são geopistemologias que valorizam os saberes e conhecimentos não científicos...” (Idem).

A partir dessas reflexões se torna palpável a discussão que propomos aqui em coro com o autor: o jornalista, principalmente com o recorte geográfico, racial e de gênero que propomos, é um sujeito colonizado e colonizador, presente em uma disputa de poder de um sistema enredado pelas geopistemologias eurocêtricas e as colonialidades de poder e saber (Carvalho, 2023). De modo a aprofundar ainda mais a discussão e aproximar o objeto, partimos também dos tensionamentos propostos pela própria Fabiana Moraes em seu artigo “Pode a subalterna a subalterna calar? Limites e transbordamentos entre repórter e entrevistadas” (2018). Onde Moraes aponta que a inserção da subjetividade no jornalismo abriria caminho para pensar outras formas de apresentação e representação, ou, nos termos de Carvalho (2023), uma matriz geopistemológica decolonial, em que as questões se debruçam em “pensar com” e “ pensar sobre e por si”.

O QUE DIZ JOICY SOBRE SI MESMA?

Ao passo que a história de ausências de Joicy é construída por muitas vozes - e aqui localizamos a presença da própria jornalista, Fabiana Moraes, já que as escolhas da construção textual são feitas por ela - percebemos também sua auto afirmação enquanto mulher. Grande parte das aspas de Joicy no texto estão localizadas em conversas com os outros (médico, família e amigos) ou são reações diretas sobre um acontecido, não sendo perceptível o diálogo direto entre jornalista e fonte.

Sua relação com o próprio corpo e com os outros é apresentada de forma que constroi, neste recorte curto de uma vida longa, uma representação mais digna, ou, nos termos de Carvalho (2023), em uma geopistemologia decolonial em que se “pensa com” ao invés de “pensar sobre”. Nesse viés, Joicy se reafirma e se apresenta de maneiras diferentes às pessoas e situações diferentes. Em certos momentos, Joicy é uma mulher com esperança em um futuro melhor e mais alegre. Em outros, é vítima sistemática dos equipamentos públicos ineficazes, transfóbicos e classistas.

O que percebe-se, em todas suas faces, é sua autoafirmação. Se as pessoas ao seu redor parecem confusas em como se relacionar com ela, não há dúvida em Joicy sobre quem é ou sobre o caminho que está tomando e é isso que Joicy fala ao longo da reportagem. Joicy fala sobre si enquanto mulher complexa. Se é fato que a questão da representação do sujeito subalterno é hermético (Spivak, 2014; Bahri, 2013), é fato também que a discussão

tensiona-se quando falamos sobre o jornalismo feito no sul global por, para e com sujeitos também subalternizados em sua própria maneira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as discussões aqui propostas, buscamos compreender a linguagem a partir de um viés complexo, percebendo que a formulação das subalternidades precede e se solidifica pelo discurso. Sendo a existência do sujeito subalterno inerente à linguagem e não sua causa. De modo a tensionar a questão, encontramos no objeto, “O nascimento de Joicy” (Moraes, 2011), um dispositivo interessante para engendrar na discussão questões sobre subalternidade ao tratar sobre a relação entre sujeitos femininos, colonizados e com corpos subalternos em diferentes níveis (no caso, Fabiana Moraes, jornalista, mulher cisgênera, negra, nordestina e Joicy, fonte, mulher transexual, nordestina, pobre) de maneira a apresentar, mas não reduzir, nenhuma das duas nestes rótulos? Como o jornalismo, que se baseia constantemente na representação, pode articular subalternidades de forma a complexificar os sujeitos, as histórias e a própria narrativa?

A própria Fabiana Moraes (2018) aponta o Jornalismo de Subjetividade como um caminho possível para pensar as representações enquanto um “falar sobre”, percebendo e questionando os distanciamentos entre repórter e fonte. Ao que nos cabe aqui, percebemos que tanto o trabalho de Moraes, quanto qualquer outro produto jornalista, possui limitações do próprio campo. Se é fato que “O nascimento de Joicy” abre caminhos para representações complexas, é fato também que o processo para construção destes discursos menos geoeconomicamente colonizados (Carvalho, 2023) exige que constante reflexão e adequação do jornalista às diferentes situações, uma vez que não há fórmulas pré-definidas ou garantias de resultados. Destacamos também que, apesar de a análise se debruçar sobre uma reportagem especial com 150 dias de apuração, as questões referentes às representações dos corpos subalternizados devem ser de interesse de todo o jornalismo, especialmente o presente em notícias diárias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHRI, Deepika. Feminismo e/no pós-colonialismo. *Revista Estudos Feministas*, v. 21, p. 659-688, 2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ref/a/DkgnY7FKCXXcwsYfdGvWktp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 mar. 2025.

CARVALHO, C. A. de. *O jornalismo, ator social colonizado e colonizador*. Curitiba: CRV, 2023.

CARVALHO, Guilherme. Diretrizes para a análise de discurso em jornalismo. *Revista UNINTER de Comunicação*, v. 1, n. 1, p. 5-27, 2013. DOI: 10.21882/ruc.v1i1.510. Disponível em:

<https://revistasuninter.com/revistacomunicacao/index.php/revista/article/view/510>.

Acesso em: 30 mar. 2025.

MORAES, Fabiana. Pode a subalterna calar? Limites e transbordamentos entre repórter e entrevistadas. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 15, n. 1, p. 84-97, 2018. Disponível em:

https://www.academia.edu/download/57403822/pode_a_subalterna_artigo_corrigido_publicado_EJM.pdf. Acesso em: 30 mar. 2025.

MORAES, Fabiana. O nascimento de Joicy. *Jornal do Commercio*, Recife, 2011. Disponível em:

https://www.academia.edu/43954361/O_Nascimento_de_Joicy_Reportagem_Especial.

Acesso em: 20 mar. 2025.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. A tradução das culturas: generificando a linguagem, a oralitura e a cosmopercepção iorubás. In: _____. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PAULON, Andréa; NASCIMENTO, Jarbas Vargas; LARUCCIA, Mauro Maia. Análise do discurso: fundamentos teórico-metodológicos. *Diálogos Interdisciplinares*, v. 3, n. 1, p. 25-45, 2014. Disponível em:

https://www.academia.edu/download/45026687/Anlise_do_Discurso_Fundamentos_Terico-Me201604. Acesso em: 30 mar. 2025.

SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.